

**NASCE UMA MÃE, MORRE UMA FILHA:
O PARTO E O PUERPÉRIO COMO RITO DE PASSAGEM.**

Carolina Leão Borges Ramos¹

Kelly Guimarães Tristão²

RESUMO O objetivo deste artigo é analisar o parto e o puerpério como potenciais transformadores da psique feminina, tratando-os como um importante rito de passagem na sua jornada de individuação, a luz da Psicologia Analítica. Expõe como a repressão sociocultural do feminino propiciou o afastamento das mulheres de seus ciclos, gestação, parto e maternagem. Nesse sentido, discute-se a transmutação psíquica que pode ocorrer através do trabalho de parto no caso de uma assistência respeitosa; bem como o processo de incorporação do materno, quando a mulher-filha revisita as vivências de sua infância com sua mãe, em seu puerpério, e se abre para ser mulher-mãe.

Palavras Chave: Feminino, Parto, Puerpério, Psicologia Analítica.

**BIRTH OF A MOTHER, DEATH OF A DAUGHTER:
CHILDBIRTH AND POSTPARTUM PERIOD AS A RITE OF PASSAGE.**

ABSTRACT: This article's objective is to analyse childbirth and puerperium as potential events of change in the female psyche, dealing with them as an important rite of passage in their individuation, through the lens of Analytical Psychology. It exposes how sociocultural repression of the feminine has pulled women apart from their cycles, gestation, childbirth and motherhood. In that sense, it discuss the psychic transformation which may occur through labor conducted with respectful assistance, as well as the process of incorporating motherhood, when the woman-child revisits her childhood experiences with her mother during her puerperium and readies herself to become a woman-mother.

Keywords: Feminine, Labor, Postpartum, Analytical Psychology

¹ Graduação em Psicologia pela Universidade Federal do Espírito Santo (UFES), Especialista em Psicologia Analítica: Teoria e Prática pela UNISEPE/UNIFIA, Pós-Graduada em Psicologia e Maternidade pelo Centro Universitário de Araraquara (UNIARA). Contato: psicarolinaleao@gmail.com

² Doutoranda pelo Programa de Pós-Graduação em Psicologia da Universidade Federal do Espírito Santo (UFES), Mestrado e Graduação em Psicologia pela UFES, Especialista em Teoria e Prática Junguiana pela Universidade Veiga de Almeida (UVA- RJ). Contato: kgtristão@hotmail.com

O Roubo Essencial: A Repressão do Feminino e o Parto em Cativo

*Mesmo quando tudo pede
Um pouco mais de calma
Até quando o corpo pede
Um pouco mais de alma
A vida não para*

*Enquanto o tempo
Acelera e pede pressa
Eu me recuso, faço hora
Vou na valsa
A vida é tão rara (...)*

Lenine e Dudu Falcão - Paciência

O mundo contemporâneo vive agitado, com excesso de informações, excesso de trabalho, de atividades, de ocupações e, nesse contexto, o universo dos ciclos femininos foi condenado ao ostracismo, de forma que a menstruação, a gestação, o parto, a amamentação, dentre outras questões que atravessam o “ser-mulher” e o “ser-mãe”, são tratados como eventos inconvenientes e desagradáveis, que precisam ser medicados e “normalizados”.

Historicamente a vivência da gestação e do parto eram altamente femininas, as mulheres ocupavam lugar de destaque, sendo que muitas figuras divinas do início da vida humana em sociedade se apresentavam na forma de Deusas-Mães. A subordinação feminina teria começado a partir do período Neolítico médio, quando houve uma grande transformação social que posteriormente levaria à origem dos primeiros burgos e cidades. Nesse momento, o papel paterno na concepção começa a ser mais percebido e uma possível inveja do poder gerador da mulher passa a surgir (Pamplona, 1990).

Atualmente o modelo de organização social vigente tornou-se o patriarcado, que se baseia na submissão da mulher pelo homem, da criança pelo adulto, e na acumulação de bens. Nesse sentido, as mulheres se tornaram propriedades masculinas, sendo a principal ferramenta coercitiva utilizada para submetê-las, a repressão sexual. Elas se

afastaram de seus corpos e, em termos femininos, se tornaram rígidas e sem vida (Gutman, 2013).

A partir disso, quando as mulheres gestam, parem e maternam, o fazem de forma dura. Sentem dor por terem corpos inflexíveis não femininos, por não saber abrir-se para essa transformação, por não dar conta da proximidade desse corpo recém-nascido que, ao sair de dentro de si, se torna um incômodo estranho, exigente de contato e afeto.

A medicina, a tecnologia e o lucro tomaram conta da matéria feminina. Com isso, as mulheres se afastaram de seus corpos, de seu sangue, tomaram repulsa deles na verdade. Ainda nesse contexto, o cristianismo vem para naturalizar a experiência de parto como uma punição e “[...] se no Livro Sagrado está escrito ‘parirás com dor’, com ela devia ter parido” (Paciornik, 1997, p.34). Dessa maneira, a saída imposta para a mulher é aquela onde a dor e o sofrimento são cármicos. Ser mulher é um estorvo, onde Gutman (2013, p. 104) ressalta que: “Quando chega o momento de parir, nosso corpo inteiro dói devido à inflexibilidade, à submissão, à falta de ritmo e de carícias. Odiamos nosso corpo que sangra, que muda, que ovula que mancha e é ingovernável”.

Devido à isso, durante suas experiências de parto, as parturientes são submetidas a diversos procedimentos que envolvem dominação, violência e abandono. Seu corpo é entregue à um tratamento massificado e à cultura do sofrimento. Não pode se movimentar livremente, gritar livremente, parir livremente. Sua vagina é cortada, sua alma dilacerada, sua intimidade violada. “Falar de partos em nossa sociedade é falar de maus-tratos à mulher, de desumanização e de falta de respeito” (Gutman, 2015, p.49).

No caso do nascimento por via cirúrgica, a situação não é diferente. A gestante é despida, anestesiada, amarrada e cortada. Seu bebê é retirado por alguns “jogos de empurra-puxa” e levado pelo neonatologista para passar por mais destes “jogos”. Há pouco espaço para subjetividade nesse contexto. Não raro, os relatos de mulheres que passaram por uma cesárea são acompanhados por um grande afeto de abandono e solidão, de desconexão com o próprio corpo e desconhecimento a respeito do que está se passando consigo e com seu bebê (Gutman, 2015).

A equipe de assistência ao parto se afastou de qualquer tipo de crença nas capacidades do corpo feminino. As mulheres se afastaram de qualquer tipo de crença nas capacidades de seus corpos. O nascimento possui ritualísticas em toda cultura humana, sendo que o ritual atual se tornou o da assepsia e do afastamento. “Nascimento e morte são momentos de exceção, isto é, fogem da rotina do dia-a-dia, da homogeneidade e da

continuidade. São momentos que sugerem alguma forma de “*supensão*” ou de “*elevamento*” e exigem uma reorganização” (Monticelli, 1997, p. 17).

Nesse sentido, esse trabalho segue com o objetivo de analisar o ciclo gravídico-puerperal como potencial transformador da psique feminina, tratando-o como um importante rito de passagem no seu processo de individuação, a partir do referencial teórico da Psicologia Analítica. Pretende-se identificar na literatura mudanças psíquicas comuns às mulheres nos períodos de parto e pós-parto, esclarecendo a respeito da morte simbólica que ocorre nesse momento, sobretudo após o nascimento do bebê, descrevendo o estado de enlutamento posterior decorrente do “sacrifício da filha” e tentando compreender de que forma acontece a reestruturação dessa mulher, seu renascimento e acolhimento da nova identidade materna.

Vale ressaltar que este estudo se deu a partir de uma pesquisa qualitativa, pois não se pretendeu aqui chegar à resultados quantificáveis, mas discutir de forma subjetiva e implicada o rito de passagem feminino, dentro do ciclo gravídico-puerperal. Desta forma, o objetivo deste artigo é analisar o parto e o puerpério como potenciais transformadores da psique feminina, tratando-os como um importante rito de passagem na sua jornada de individuação, a luz da Psicologia Analítica.

Esse trabalho se justifica pelo grande desafio na retomada do protagonismo feminino, se tornando fundamental a compreensão das questões simbólicas que atravessam a mulher-mãe na sua vivência do ciclo gravídico-puerperal, sobretudo no seu pós-parto, para que esta possa ser acolhida em sua inteireza, tanto socialmente, quanto pelos profissionais de saúde. Dessa maneira, questionar de que forma ocorre a transição psicoafetiva do “ser-mulher-filha” para o “ser-mulher-mãe”, se torna fundamental. Compreendendo que algumas transformações envolvem dor e crise, mas que são essenciais para um maior crescimento e conhecimento de si. Para que, dessa forma, mais mulheres, possam assumir seus corpos, seus ciclos, sua sexualidade e intimidade, vivendo ativamente suas experiências de gestar, parir e maternar.

O Parto: Sagrado Rito de Passagem

Siente que el momento llega.

Siente: tus huesos son fuertes.

Siente: estamos ayudando.

Lo divino está contigo.

Siente: el niño está en la puerta.

Vivirá para abrazarte.
Siente: estás en buenas manos
y eres parte de la tierra.
Tienes lo que necesitas,
madre de todos nosotros.

Rosa Zaragoza - Sabemos Parir

Desde a constituição do humano enquanto espécie (e até antes disso) as mulheres parem. O parto acompanha a história humana há muito como um evento feminino, fisiológico e repleto de rituais. No entanto, há algumas décadas, com a valorização da tecnologia e centralização do poder médico, o parto deixou de ser uma experiência feminina e se tornou um ato da medicina.

A partir daí a ritualística que gira entorno das experiências de parto e nascimento estão relacionadas ao medo e à repressão do feminino. Enquanto as equipes médicas se resguardam com diversas intervenções que submetem a mulher e anulam qualquer espaço onde possa emergir sua subjetividade, muitas mulheres não se julgam capazes de parir e possuem grande repulsa e pouca identificação com o evento do parto (Gutman, 2015). Nesse contexto, as intervenções médicas são justificadas justamente para reforçar este lugar de submissão da mulher, impedindo-a de se movimentar livremente, de utilizar pertences pessoais, tendo seu ventre ou vagina cortados sem consentimento ou real esclarecimento.

Nas últimas décadas, com o surgimento do Movimento de Humanização do Parto e Nascimento no país, algumas mudanças vêm sendo exigidas, dentre elas: respaldo na MBE (Medicina Baseada em Evidências); maior empatia na assistência profissional e a retomada do protagonismo feminino no que concerne o ciclo gravídico-puerperal (Diniz, 2005). Dentro dessa realidade, o número de mulheres que têm vivenciado experiências de parto profundas e transformadoras tem aumentado vagarosamente. No entanto, dada as conjunturas sociais e subjetivas, essa jornada está longe de ser um processo fácil.

Num parto respeitoso, onde a equipe de assistência se coloca como pano de fundo e a parturiente pode ser a real protagonista da experiência, os caminhos para a transformação são infinitos. Aquela mulher em trabalho de parto poderá seguir a estrada que lhe for necessária, vasculhar todos os cantos mais apagados e antigos de sua essência. Encontrar toda sua fraqueza e toda a sua força, desnudar-se para si mesma, abrir-se para seu eu mais profundo e poderoso. Parir é abrir-se ao novo e abraça-lo em si. Dessa

maneira, num parto, a dimensão é outra. O parto digere a mãe ou, talvez, a digestão seja da própria transformação da filha em mãe, o substrato é a mãe.

O parto possui diversas fases bem como uma jornada, nele as contrações acompanham e preparam a mulher de forma gradual. O trabalho de parto costuma começar com contrações leves e distanciadas, que preparam a gestante não só fisicamente, mas a induzem a iniciar um processo de introspecção e autopercepção, como diz Balaskas (2015, p.194):

O útero é o palco das suas emoções mais profundas. Da mesma maneira que precisa ir ao fundo de suas sensações interiores quando vivencia um orgasmo sensacional pleno, precisa responder instintivamente às necessidades e mensagens do corpo quando este está em trabalho de parto ou quase para dar à luz.

Há que se desligar de alguns canais de contato externos e “preparar a casa” para o que está por vir. O caminhar é lento e o andamento é cada vez mais intenso, a mulher se metamorfoseia a cada onda...sorri, chora, grita, dança...desvela várias faces de si. A criança, a filha, a mulher, a mãe e a anciã, pulsam no ritmo das contrações e em seus intervalos descansam e permitem que a parturiente possa viver de forma vívida cada pequena aresta de sua existência.

Nesse momento do trabalho de parto as intensidades não se contêm, elas extravasam a barreira tênue do corpo feminino e atingem a todas e todos que, por ventura, estão presentes no ambiente. Se a equipe de assistência ao parto se abre para o respeito, para a emergência do sagrado, a faísca da transmutação atinge também suas vísceras, é a luz numinosa que se revela:

Essa qualidade do poder referido não é formulável em conceitos racionais; ela é “inefável”, somente pode ser indicada indiretamente pela evocação íntima e apontando para o peculiar tipo e conteúdo da reação-sentimento, desencadeada na psique por uma experiência pela qual a própria pessoa precisa passar (Otto, 2007, p. 42)

Ao se colocar na mesma vibração daquela mulher em trabalho de parto, a equipe entra em contato com suas próprias crianças, filhas, mulheres, mães e anciãs interiores.

Sentem cólica, as alterações nos odores, a sexualidade suspensa e pulsante no ambiente. Os profissionais de assistência que se atrevem a aproximar-se daquela experiência, com toda a carga simbólica que ela carrega, podem viver seu potencial transformador e se afastar, mesmo que momentaneamente, do mero olhar técnico e medicalizado. Pois como já ressaltou Jung (1991, p.19): “Ninguém mexe com fogo ou veneno sem ser atingido em algum ponto vulnerável; assim, o verdadeiro médico não é aquele que fica ao lado, mas sim dentro do processo”.

Com o apertar no ritmo das contrações a necessidade de entrega se torna mais pungente. Tecnicamente a chamada “fase de transição” (Balaskas, 2015), traz um vislumbre dos processos subjetivos que se atualizam na parturiente nesse instante. Não raro, é nessa situação em que muitas querem desistir ou pedem analgesia, trata-se do momento chave e também mais curto no trabalho de parto. O olhar da mulher assume algumas sombras de desespero, de “bicho acuado”, de loucura. Ela não é mais ela mesma, não se reconhece, só deseja que tudo acabe. Quer fugir, tem medo de morrer, de se “PAR(t)IR-se”. E é nesse momento, onde ela se fragmenta por inteira, que ela encontra o transe e a entrega. Ela ainda não é ela mesma, mas agora está em estado de suspensão, seu olhar muda novamente, ele está vago, com alguns vislumbres de dor, de prazer, embriagada do Si...na “Partolândia” como algumas costumam dizer.

Os ritos de margem são aqueles desenvolvidos durante a fase ou período liminar, onde o estado do sujeito do rito, ou seja, o “passageiro” ou a “pessoa liminar” é ambíguo, possuindo pouco ou nenhum atributo, tanto do estado passado como do vindouro (Monticelli, 1997, p. 31).

Nesse momento o bebê anuncia sua chegada, o útero de sua mãe pulsa com força respondendo ao seu chamado. Do desespero à entrega, da entrega à transformação. Toda energia da parturiente que parecia ter se dissipado, retorna à ela em forma de puxos, de urros e rugidos, não há sofrimento, há apenas uma mãe e um bebê tocando as notas finais da música do encontro. Finalmente ela se abre, para ela, para o “ser mãe”, para receber seu bebê nos braços. Nada mais lhe importa, ela se sente poderosa, mãe do mundo e mãe de Deus. A aura do ambiente é inebriante. É a “Hora Ouro”, momento de vínculo, de contato, de ser mamífera dona da própria cria, um dos instantes mais preciosos no estabelecimento da conexão mãe-bebê.

[...] o mistério é vivenciado em seu elemento positivamente real e na sua qualidade intrínseca, a saber, como algo extremamente beatífico, a ponto de não se poder declarar nem expressar essa beatitude por meio de conceitos, mas apenas experimentá-la (Otto, 2007, p. 70).

Vale ressaltar que aqui, a transformação foi descrita a partir da vivência do parto como um evento respeitoso, onde a parturiente pode mergulhar fundo em si mesma e descobrir mil faces de si. Acontece, no entanto, por diversas questões socioculturais, que muitas mulheres não têm a possibilidade de vivenciar plenamente a experiência do nascimento de seus filhos e, algumas vezes, não tendo a possibilidade de fazer essa jornada no parto, fica a cargo do puerpério essa transformação.

O Puerpério: Assentamento do Sagrado e a Mãe Pessoal

(...) It's always darkest before the dawn.

Florence Welch e Paul Epworth – Shake it Out

Após o nascimento do bebê a recém-mãe é chamada à realidade, a mulher aterrissa após toda aquela experiência avassaladora e aérea do trabalho de parto. Há um recém-nascido e uma recém-mãe, ambos em uma dinâmica de se reconhecer como um novo sujeito no mundo e, também, em um movimento de conhecer um ao outro. O puerpério convoca a mulher a submergir no materno e, essa jornada de introversão, exige um tempo que não cabe no relógio, se trata de uma despedida da gestação e um reconhecimento do novo estado, uma “delimitação entre o perdido – a gravidez – e o adquirido – o filho” (Soifer, 1992, p.63).

Atualmente existem poucos espaços para esse encontro e uma grande indústria que, de forma oportunista, utiliza do desamparo dessas mulheres para criar um mercado de afastamento e superficialidade, pois se o parto é um chamado para o materno, o puerpério é a sua consolidação.

Dessa forma, num contemporâneo no qual a agitação, a velocidade de informações, de conectividade, onde tudo é efêmero como um clique, a maternidade se enferruja e se corrói, por isso “[...] o ego da mulher moderna pode experimentar um medo profundo do Feminino como medo dela própria, como medo da incompreensível

numinosidade da natureza feminina” (Neumann, 2011, p.259). No puerpério há muito de sombra, muito de medo.

Maternar exige entrega, pois é preciso ter substância para nutrir, o solo precisa estar fértil para alimentar o filho:

O fenômeno do relacionamento primal com a mãe durante o primeiro ano de vida consiste basicamente nisto: mesmo após o nascimento, a criança vive “dentro” da mãe “como algo que é contido” e é totalmente dependente do “caráter positivo elementar da mãe” como aquela que provê alimento, calor, proteção e ternura em todos os setores da vida (Neumann, 2011, p.221).

O puerpério é uma experiência nos terrenos da solidão e um processo quase simbiótico entre o binômio mãe-bebê. Apesar do cordão umbilical ter sido cortado no instante do parto, há um cordão emocional em pleno funcionamento. Não só o bebê precisa de sua mãe, mas a mãe também precisa do bebê. Seu corpo psíquico está se adaptando à esse novo momento, tanto quanto o corpo físico.

A mãe, muitas vezes sozinha e sem apoio, encontra dificuldades para se sustentar e, por consequência, para sustentar a sua cria. Dentro dessa realidade, foge da demanda primitiva que o bebê lhe exige com os artifícios das fórmulas, chupetas e mamadeiras. O materno dentro dela grita por uma brecha, por uma fresta, ela responde fugindo, morrendo de medo de deixá-lo escapar.... Enfaixa os seios que vertem leite, deixa o bebê chorar para não mimá-lo com colo, volta a trabalhar e o coloca numa creche.

Nascemos de mães reprimidas ao longo de gerações e gerações de mulheres ainda mais reprimidas, rígidas, congeladas, duras, paralisadas, incapazes de tocar e muito menos de acariciar. O sangue congela, o pensamento congela, as intenções congelam e o instinto materno se deteriora, se perde, se destrói e se transforma (Gutman, 2013, p.104).

O bebê é um estranho, em nada se assemelha ao bebê-idealizado. O bebê-real chora, carente de colo e atenção, necessita de muito cuidado e constante zelo. Exige da mãe uma atenção à qual, até aquele momento de sua vida, nunca precisou despendê-la. “É,

portanto, uma relação inicialmente bem pouco estruturada, não-verbal e, por isso, intensamente emocional” (Maldonado, 1990, p.71).

A mãe, imerge em profunda ambivalência emocional, acreditava que quando estivesse com o filho nos braços se sentiria realizada e plena, mas muitas vezes se pega desejando que tudo aquilo acabe logo para voltar a ser a pessoa que era antes. O puerpério é uma fase onde a mulher enfrentará maiores oscilações emocionais, por se tratar não só de um momento biológico peculiar, mas também pelas alterações no seu lugar social, transição para esse novo papel de mãe, adaptação ao novo corpo e identidade (Cantilino, Zambaldi, Sougey, Rennó Jr, 2010).

A verdade, é que pouco se fala a respeito do que se sangra no puerpério. Não do sangue fisiológico de um útero que está se restaurando, mas daquele que flui da alma, da insegurança, do medo e do sentimento de total incapacidade. A mãe-ideal morre aos poucos, fazendo o luto do bebê-ideal.

Ao entregar seu ser e seu corpo para deixar a vida se recriar e ser vivida através de si, a mulher se coloca “a serviço” da Grande-Mãe, podendo ser iniciada em seus mistérios e podendo experimentar sua própria transformação ou renascimento através do nascimento da criança [...] (Gallbach, 1995, p.67).

Dessa maneira, da mesma forma que existem movimentos pela mudança do cenário do parto e nascimento, algumas mulheres estão se abrindo para essa voz interior, permitindo-se à entrega, ao descontrole e à grandeza do puerpério, aceitando a solidão a partir da criação de laços com outras puérperas.

O materno se faz na mulher puérpera a partir da revisitação da maternagem de sua mãe-pessoal, não atoa muitas mulheres têm a própria mãe como espelho, esperando por sua ajuda nos primeiros cuidados com seu bebê. Nesse contexto, seu puerpério e o exercício da própria maternagem poderão depender de como se deu seu processo de desenvolvimento com o materno, ou seja, de como foi ser filha de sua mãe.

A unidade de mãe e filha celebrada nos mistérios de Elêusis é estabelecida nos ritos femininos de iniciação nos quais a velha apresenta à jovem as situações fundamentais da existência feminina. [...] a mulher pode experienciar a si mesma como criadora e como fonte de vida, irrefutavelmente e em uma

profundidade que torna superficiais todas as aberrações e atitudes equivocadas de sua consciência (Neumann, 2011, p.259-260).

No entanto, como muitas vivem a gestação tendo expectativas ingênuas e infantis do pós-parto, faz-se necessário buscar empoderamento para desenvolver-se como mulher, de forma a estruturar-se para vasculhar seus cantos mais obscuros e sombrios com maior maturidade e força (Gutman, 2015). Contudo, o que tende a acontecer nesse processo exploratório é um contato com vários modelos de mãe interiores, desde memórias reais com sua mãe pessoal, a outras projetadas nesta, além daquelas situações que gostaria de fazer diferente e se redimir no exercício de sua maternidade própria (Gallbach, 1995).

Nesse sentido, como dito anteriormente, a ambivalência afetiva é uma característica muito comum às mulheres no puerpério e, semelhante à uma experiência espiritual, muitas faces do materno se encarnam na puérpera. Há momentos em que ela vive a placidez do cuidado, quer acolher, dar colo e carinho; já em outras situações ela não consegue se ver sem o filho e, fusionada, dividi-lo com alguém é impossível, prefere ficar sobre constante vigília; há também aquelas horas em que a plenitude está no ato de amamentar, sente-se conectada com sua cria, em unicidade com a terra; além das ocasiões mais obscuras, onde fantasia uma vida na qual seu filho não exista.

Em geral, a maior parte das mulheres vivem o puerpério passando por diversas “formas” do “ser mãe”. Isso não significa que uma determinada maneira de maternar é melhor ou pior do que outra, mas que é no exercício e na incorporação dessas variadas “encarnações” do materno, que ela irá se descobrindo e crescendo enquanto mãe-mulher, aprendendo, visceralmente e de modo criativo, a sua forma própria de existir enquanto mãe.

Pois não importa quanto a filha, como mulher, possa ter se distanciado do mundo matriarcal da base do solo matriarcal, e quanto ela sucumbe ao descrédito no qual a coloca o homem patriarcal, ela entra, normalmente, numa fase de desenvolvimento de sua existência feminina na qual a grande totalidade da natureza feminina quase sempre retifica e corrige todos os desvios de sua essência feminina (Neumann, 2011, p.259).

Mãe-Filha-Mãe: Uma Dentre Todas

Baby, tanto a aprender
Meu colo alimenta você e a mim
Deixa eu mimar você, adorar você
Agora, só agora
Porque um dia eu sei
Vou ter que deixá-lo ir (...)

Pitty – Só Agora

Quando um bebê nasce, em geral, se encontra com sua mãe. Ela é o todo. Ela é o meio e o fim de tudo. A criança recém-nascida e a mãe (também recém-nascida) são uma só, ambas estão mergulhadas na Grande Mãe e se identificam com Ela.

A mãe da relação primal é a “Grande Mãe boa”. É o ser que contém, alimenta, protege e aquece a criança, e que se liga afetivamente à ela. É a base de sua existência não só física, mas também psíquica. É quem dá segurança e torna possível a vida no mundo. Neste, sentido é anônima e transpessoal, ou seja, arquetípica, enquanto componente de uma constelação especificamente humana, que a capacita a coincidir com o arquétipo da mãe, é vitalmente necessário para o desenvolvimento normal do filho (Neumann, 1995, p. 19).

Essa entidade da Mãe que encarna e se atualiza, traz consigo imagens do “fenômeno maternal” e dá espaço tanto para a bebê projetar em sua mãe essa função, quanto para a recém-mãe revisitar suas vivências mais profundas com o materno. De forma que as experiências com o materno podem se dar de maneiras mais variadas, até mesmo sem haver a figura da mãe biológica propriamente dita.

Essa relação entre mãe e bebê é fundamental não só para a sobrevivência física da bebê, mas também para garantir sua formação e sobrevivência psíquica (Neumann, 2011). Nesse contexto vê-se emergir forças provenientes do Arquétipo da Grande Mãe que, à luz da Psicologia Analítica, constitui a base do Complexo Materno. Portanto, essa imagem primordial do materno, trata-se de uma condição pré-existente, mais forma que conteúdo, que garante ao bebê uma estruturação humana. Dessa maneira, o Arquétipo é o que possibilita o homem agir de forma humana, nos dá história enquanto sujeito e espécie,

sendo o Arquétipo da Grande Mãe o útero (como receptáculo não inerte, vivo e produtor de vida) de todas as imagens e vivências maternas (Gallbach, 1995).

No entanto, no caso da mãe que cria uma filha, diferente do que seria no caso da criação de um filho, ocorre um processo complexo de identificação e projeção. Elas carregam a mesma genitália: a filha acompanha os ciclos de sua mãe, vê seu corpo desnudo, as curvas que ela irá desenvolver (Koltuv, 1997). É uma mulher criando outra mulher, dessa maneira o Complexo Materno existe e age de forma mais “pura”, com menos complicações (Jung, 2002).

Dito isso, não é infundado reforçar que a relação construída entre mãe e filha pode ter poder determinante no que diz respeito a forma como esta última irá vivenciar sua experiência de parto e puerpério. Tendo em vista que o germinar da maternidade atualiza nesta mulher suas experiências pessoais e subjetivas entorno do materno (Complexo Materno), trazendo tanto de forma consciente, mas sobretudo de forma inconsciente, imagens poderosas – de fundo arquetípico – consteladas devido ao momento de crise subjetiva. “Por isso poderíamos dizer que toda mãe contém em si sua filha e que toda filha contém em si sua mãe; toda mulher se alarga na mãe, para trás e na filha, para frente.” (Jung, 2002, p.188)

A projeção da mãe na história dessa filha, bem como a forma como esta irá lidar com tal projeção, podem gerar dificuldades em permitir-se crescer e cindir, de certa maneira, com essa relação mãe-filha.

A filha, criada nesse tipo de atmosfera de mistificação e ambivalência, inevitavelmente terá problemas quando partir para viver a sua própria vida. Ela enfrentará uma terrível divisão interior quando tentar assegurar a si mesma que a mãe foi feliz com os sacrifícios que fez em seu benefício e, ao mesmo tempo, afirmar a si mesma que aquilo não foi nenhum sacrifício. [...] essa sensação de infinita ansiedade que existe entre mães e filhas; todos esses sentimentos que ela não ousa admitir fazem com que lhe seja impossível separar-se da mulher mais velha, seguir sua própria vida e deixá-la para trás (Chernin, 2011, p.77).

Esta crise característica de processos transitórios, pode despertar na filha – agora em passagem para tornar-se mãe – um aprisionamento e um apego temporário (ou não) à

“identidade de filha”, atravancando seu caminho para tal transformação. “É difícil sair da segurança para entrar no perigo, da unidade inconsciente com o Tu para entrar na solidão de uma independência e autonomia que se torna consciente de si mesma” (Neumann, 2011, p. 229-230).

Vale ressaltar que, num mundo patriarcal, onde a maior parte do trabalho doméstico e do cuidado com os filhos ainda é relegado às mulheres, muitas mães sacrificam grande parte de si e das jornadas que poderiam trilhar na vida, em benefício de suas filhas. Nesse sentido:

Precisamos superar essa tendência de culpar as mães. E ao mesmo tempo precisamos tomar consciência da nossa raiva e frustração, a sensação de abandono que todas nós sentimos um dia, filhas de mulheres em crise como nós mesmas. E, depois do choque de admitirmos a raiva que sentimos pela mãe, precisamos aprender a inserir essa raiva num contexto social, tirando a mãe pessoal de dentro de casa e posicionando-a no exato momento histórico em que ela deu à luz uma criança (Chernin, 2011, p.78).

Nesse contexto, a maternidade se torna um grande desafio à psique da mulher, carregando um forte potencial transformador e de auto-descoberta, mas sem deixar de passar por sensações de imensa desterritorialização e dificuldades no desvelar de um Eu mais coerente e potente para si. De forma que, “revisitar”, “conceber” e “criar” são os verbos preponderantes na psique das mães recém-nascidas que desejam buscar um exercício do materno mais condizente com seu Eu mesmo.

Considerações Finais

*Chora não, oxum
De que chorar?
Sonha viu, oxum
Sem lágrima
Hoje eu não vou deixar
Ninguém sofrer
Não quero ver a minha oxum chorar
Colho os prantos sem deixar nenhum
Pra lhe acordar.*

Ao longo dos séculos o patriarcado tem utilizado a repressão sexual como mecanismo de controle do corpo feminino. Dessa maneira, muitas se afastaram de seus corpos, da intimidade dos ciclos femininos e desaprenderam a autopercepção. Os ciclos, que antes sinalizavam alterações naturais indicando o caráter lunar da vivência feminina, se tornaram cármicos. Malditos por ter cedido e comido a bendita maçã.

Afastar-se da essência feminina – naturalmente ingovernável – tem seu preço. As mulheres pagaram caro, pagaram se serializando, pagaram carregando dor e incômodo a cada lua, pagaram se afastando da transformação do parir, da doação de amamentar e do aprendizado de maternar. O parto tornou-se um evento médico, de abandono e desconexão. Desnutridas, essas mulheres não nutrem, portanto, amamentar não é uma alternativa. E, quanto ao maternar, bem, essa função ficou em cargo das creches ou outras cuidadoras.

No entanto, é sabido que toda voz silenciada um dia retorna como um grito e o corpo que antes se calava, uma vez pede passagem e presença. A voz interior, reprimida nas mulheres, agora transforma suas vivências entorno do feminino, o que possibilitou também uma mudança na qualidade da assistência obstétrica, que tem iniciado um cuidado mais individualizado e focado na real protagonista: a mulher. Nesse sentido, o parto se torna uma possibilidade iniciática para o materno, transmutando a mulher-filha e trazendo-a ao contato com suas entranhas ocas, há muito esquecidas.

É importante lembrar que as forças transformadoras emergentes no momento do trabalho de parto e provenientes do Sagrado Feminino, não beneficiam apenas as parturientes. Todas e todos que estão verdadeiramente presentes no processo de parturição, sejam homens, mulheres, familiares ou equipe de assistência, podem visitar essa pequena parte esquecida de si e se abrir, também, para as concepções sensíveis e fortes do feminino.

Com a chegada do bebê, o puerpério se instala como uma onda, ou melhor, um maremoto, que inunda a recém-mãe nas águas profundas do materno. Aqui ela irá incorporar aquilo que se transmutou no parto. A mãe que nasceu nela é ainda sensível e desterritorializada. Dessa maneira, é no puerpério que ela pode viver todas as faces maternas, revisitar (ainda como filha) a maternidade exercida por sua mãe e, quem sabe, descobrir sua própria forma de ser dentro do exercício do materno.

Essa revisitação da história da própria criação, sobretudo daquela recebida pelo ser que compartilha a mesma identidade gênero que a recém-mãe, auxilia na tomada de consciência de sua história pregressa, analisando-a agora, a partir do olhar de mulher-mãe, não mais mulher-filha. Esse processo colabora para que essa mulher possa olhar para frente e consiga construir sua história enquanto mãe de forma mais autônoma e criativa, podendo ser mãe de suas filhas e não mais filha de suas mães.

Referências:

- Balaskas, J.(2015) *Parto Ativo: Guia prático para o parto natural*. 3ª ed. São Paulo: Groud.
- Cantilino, Amaury, Zambaldi, Carla Fonseca, Sougey, Everton Botelho, & Rennó Jr., Joel. (2010). *Transtornos psiquiátricos no pós-parto*. *Archives of Clinical Psychiatry (São Paulo)*, 37(6), 288-294.
- Chernin, K.(2011) O Lado do Averso do Relacionamento Mãe-Filha. In: Abrams, J; Zweig, C. (Orgs.). *Ao Encontro da Sombra: O Potencial Oculto do Lado Escuro da Natureza Humana*. 8 ed. São Paulo: Cultrix, 75-79.
- Diniz, C. S. G. (2005) *Humanização da assistência ao parto no Brasil: os muitos sentidos de um movimento*. *Ciênc. saúde coletiva*, Rio de Janeiro , v. 10, n. 3, 627-637.
- Gallbach, M. R. (1995) *Sonhos e Gravidez: Iniciação à Criatividade Feminina*. São Paulo: Paulus.
- Gutman, L. (2013) *O Poder do Discurso Materno: Introdução à metodologia de construção da biografia humana*. 2 ed. São Paulo: Ágora.
- Gutman, L. (2015) *A Maternidade e o Encontro com a Própria Sombra: o resgate do relacionamento entre mães e filhos*. 8 ed. Rio de Janeiro: BestSeller.
- Jung, C. G.(1991) *Psicologia e Alquimia*. 4 ed. Petrópolis: Vozes.
- Jung, C. G. (2002) *Os Arquétipos e o Inconsciente Coletivo*. 2 ed. Petrópolis: Vozes.
- Koltuv, B. B. (1997) *A Tecelã: Ensaio sobre a Psicologia Feminina Extraídos dos Diários de uma Analista Junguiana*.12 ed. São Paulo: Cultrix.

- Maldonado, M. T. P. (1990) *Psicologia da Gravidez, Parto e Puerpério*. 11 ed. Petrópolis: Vozes.
- Monticelli, M. (1997) *Nascimento Como Rito de Passagem: abordagem para o cuidado às mulheres e recém-nascidos*. São Paulo: Robe Editorial.
- Neumann, E. (1995) *A Criança: Estrutura e Dinâmica da Personalidade em Desenvolvimento desde o Início de sua Formação*. 10 ed. São Paulo: Cultrix.
- Neumann, E. (2011) *O Medo do Feminino: e outros ensaios sobre a psicologia feminina*. 2 ed. São Paulo: Paulus.
- Otto, R. (2007) *O Sagrado: os aspectos irracionais na noção do divino e sua relação com o racional*. Petrópolis: Vozes.
- Paciornik, M. (1997) *Aprenda a Nascer e a Viver com os Índios: Parto de Cócoras, Desempenho Sexual e Ginástica indígena*. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos.
- Soifer, R. (1992) *Psicologia da Gravidez, Parto e Puerpério*. 6 ed. Porto Alegre: Artes Médicas.